

# **Dinâmica espacial, segregação e modo de vida: natureza e impactos da ressignificação do lazer na periferia a partir de um estudo de caso em São Gonçalo (RJ).**

**Thiago Giliberti Bersot Gonçalves.**

**Discente do Programa de Pós Graduação em Planejamento Urbano e Regional da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro – Doutorado - IPPUR/UFRJ.**

## **Introdução**

As questões sociais que emergem na atualidade apontam para um duplo desafio: o de entender a sociedade atual em seus múltiplos domínios do conhecimento, assim como nos limites e possibilidades ao levantar determinadas questões consoante às relações entre esses domínios. Outhwaite (2017), por exemplo, atenta para as “inovações e continuidades em teoria social”, ao provocar a necessidade de uma concepção mais ampla de modernidade com base na relação entre alguns domínios do conhecimento, assim como nas questões descobertas ao longo do tempo, as quais delineiam novas maneiras de pensar determinado fenômeno – no caso, as tentativas explanatórias clássicas da própria teoria social, os seus paradigmas.

É nas grandes metrópoles que a questão social constitui o cerne da questão urbana, uma vez que é no nível da produção, na complexa organização social e no grau de centralidade dos espaços urbanos metropolitanos que surgem as possibilidades e os limites de compreender a relação entre sociedade e território. A agenda desafiadora na compreensão da metrópole na atualidade demanda uma reflexão tão complexa quanto a própria lógica desses espaços em suas múltiplas escalas. Gottdiener (2016) alerta para a necessidade de uma revisão do pensamento sobre a cidade e o urbano na atualidade, pois “não é apenas a cidade que se ampliou, mas uma forma qualitativamente nova de espaço de assentamento”, uma nova forma de organização social do espaço, observada, principalmente, sob o ponto de vista do atual estágio da globalização.

Uma das maneiras de se explorar as possibilidades e os limites dessa reflexão em um novo patamar diz respeito à cotidianidade do espaço urbano, percebida nos modos de vida dos indivíduos, suas ações e estratégias. Para tanto, o desenvolvimento desse trabalho de pesquisa traz como desafio pensar o espaço urbano na escala da metrópole a partir de um objeto de estudo e um recorte espacial específicos: o lazer no município de

São Gonçalo a partir de uma pesquisa censitária e etnográfica realizada em três áreas contíguas no espaço e razoavelmente distintas: um assentamento precário, um condomínio popular e um condomínio fechado. Parte-se do princípio que o lazer constitui um significado e significante dos modos de vida, assim como significativo do processo de reprodução das diferenças e desigualdades intra-urbanas no município, com vistas ao processo de segregação. A ressignificação do lazer, nesse contexto, vem a trazer significados pertinentes ao atual quadro de transformação do espaço urbano.

### **Os significados da ressignificação do lazer na periferia: percurso teórico para uma discussão.**

Três aspectos elementares podem ser considerados em relação ao desenvolvimento desse trabalho de pesquisa: primeiramente, quanto à contemporaneidade da ordem capitalista, a qual deflagra incertezas e desafios quanto à manutenção da ordem urbana a partir da reprodução das desigualdades e da crise da governabilidade nas metrópoles; quanto ao lugar das periferias no contexto metropolitano, cujas interpretações remontam às novas e velhas questões que dela emergem quanto a sua estruturação e ao seu desenvolvimento na égide da urbanização; quanto ao papel dos agentes envolvidos, os quais esboçam o fenômeno urbano a partir das múltiplas formas, processos e escalas no espaço e no tempo. Para tanto, é importante considerar esses três aspectos em correlação, de modo que a compreensão sistemática de cada um dos pontos de vista em conjunto torna-se fundamental para entender a dinâmica urbana das metrópoles, as suas especificidades e contradições.

Quanto ao primeiro aspecto, as incertezas e desafios se situam, a priori, no próprio contexto de acumulação, cujo quadro pode ser caracterizado como dinâmico e expansível, de contradições internas quando das crises endêmicas e, logo, da complexidade dos processos os quais dela decorrem e se sustentam (Harvey, 2001). A contemporaneidade do processo de acumulação no sistema capitalista, observada a partir do fenômeno da globalização, encontra nas metrópoles a sua expressão inacabada, visto que é no espaço urbano metropolitano que a configuração socioespacial expressa a relação entre território e sociedade com base nas transformações mais recentes no meio de produção, dos efeitos quanto à emergência do Estado neoliberal, dos desejos e necessidades individuais e coletivas (Ribeiro, 2000). A compreensão da segregação no contexto atual da globalização emerge tanto a partir de um amplo debate sobre a transformação no padrão

de como ela se reproduz – o que é explícito no espaço urbano fragmentado; na escala de sua reprodução, ou seja, em todo o espaço urbano da metrópole; e principalmente, na relação entre a segregação e as relações de sociabilidade, nos mecanismos de exclusão e pertencimento a partir das ações e práticas sociais no espaço ao longo do tempo.

O segundo aspecto está relacionado a um entendimento amplo sobre o lugar das periferias metropolitanas quanto à reprodução das desigualdades, as mudanças no padrão de segregação, a escala de sua reprodução no contexto da metrópole e nas transformações quanto à sociabilidade em sua atualidade. A dinâmica socioespacial em curso nas metrópoles brasileiras abre um leque de questões para se pensar tanto a dialética do espaço urbano periférico com relação ao centro quanto às especificidades da periferia no contexto da metrópole. O tema sobre as mudanças e permanências na produção do espaço urbano das periferias apontam, nesse sentido, para uma reflexão sobre o histórico padrão periférico de crescimento urbano sob o prisma da urbanização brasileira para se entender a atualidade – espaços caracterizados pela precariedade da reprodução social, assim como da emergência de novas formas e processos em sua estruturação – os territórios fechados e que apelam à exclusividade (Costa, 2006).

Pensar a dinâmica espacial das metrópoles na era da globalização, a reprodução das desigualdades e a segregação em suas múltiplas dimensões e escalas requer apontar para o terceiro aspecto, ou seja, no papel exercido pelos agentes produtores do espaço urbano. Parte-se do ponto que o fenômeno da segregação constitui uma noção ligada aos indivíduos e espaços, cuja força – expressa na exclusão ou pertencimento – por exemplo, se situa principalmente nos indivíduos e cuja resultante é a transformação dos espaços a partir da crescente diferenciação e desigualdade sociais (Vasconcelos, 2013). Entende-se também que os agentes da produção do espaço encontram-se inseridos na temporalidade e espacialidade de determinada formação socioespacial na égide do processo de acumulação e reprodução capitalista: estratégias e práticas de novos e antigos agentes produtores, a escala de ação e a configuração resultante (Corrêa, 2014). O estudo de uma determinada área do espaço intra-urbano, por exemplo, a partir de um fato significativo – e aí, pensa-se sobre as práticas e estratégias de determinados agentes.

A reflexão sobre os modos de vida<sup>1</sup> demanda uma compreensão que trata especificamente da situação do indivíduo e do coletivo no cotidiano. É pertinente comentar que a dinâmica urbana percebida a partir dos modos de vida decorre de um conjunto de fatores interrelacionados, os quais se apresentam nas ações e estratégias dos agentes, na condição histórica e na percepção da realidade. Para além das práticas cotidianas do lazer propriamente ditas, a ressignificação dessa atividade pressupõe uma análise sobre como o lazer se reproduz a partir da sociabilidade, como a sua ressignificação exige compreender os modos de vida local com as relações sociais mais amplas. Logo, a partir do modo de vida, entendem-se as condições de vida e o estilo de vida (Gonçalves, 2004). Conforme aponta o autor,

A primeira delas corresponde aos numerosos determinantes e condicionantes gerais da vida da sociedade como um todo, enquanto os processos particulares dos diferentes grupos e suas relações com os outros constituem as condições de vida e, por último, as singularidades inerentes à pessoa e a pequenos grupos, como a família e a roda de amigos, a habitação e seu entorno, o local de trabalho, seus hábitos, normas e valores, correspondem ao estilo de vida. (Gonçalves, 2004, p.18).

É possível relacionar as condições de vida e os estilos de vida, respectivamente, ao que se propõe analisar como natureza e impacto do lazer e a sua ressignificação. Ainda, é provável a relação entre a condição de vida e o controle sobre as ações e práticas individuais e coletivas, assim como o estilo de vida a algo que é particular desse processo e que é expresso por meio das práticas individuais e coletivas em suas múltiplas variações. Não obstante, modos de vida e estilos de vida são frequentemente confundidos – talvez pela prevalência das condições sobre os estilos de vida a partir do que é compreendido de imediato na realidade social. E aí, a importância de apreender o que se entende por estilo de vida, que segundo Bourdieu e Saint Martin (1976),

[...] sistemas de separações distintivas que são a retradução simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência. As práticas e as propriedades constituem uma expressão sistemática das condições de existência (aquilo mesmo que se denomina um *style de vie*) porque são o produto do mesmo operador prático, o *habitus* [...] (Bourdieu e Saint Martin, 1976, p.18).

Mais uma vez, em atenção às condições de vida e os estilos de vida, as clivagens existentes entre o que se entende por estrutura e o que se entende por agência aparecem. Entretanto, a falseabilidade dessa dicotomia entre agência e estrutura é rigorosamente

---

<sup>1</sup> Sobre os modos de vida na cidade, são consideradas leituras interessantes no campo sociológico: WIRTH, Louis. El urbanismo como modo de vida. Chile: Bifurcaciones: Revista de Estudios Culturales Urbanos, n. 2, 2005; LEFEBVRE, Henri. La révolution urbaine. 1.Ed. Paris: Gallimard, Collection Idées, 1970.

pontuada por Pierre Bourdieu, pois são dialéticos. Aí a importância de se compreender o habitus – observado na citação acima - que segundo Bourdieu (1983) trata-se de

[...] um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas que permitem resolver os problemas da mesma forma, e às correções incessantes dos resultados obtidos, dialeticamente produzidos por esses resultados. (Bourdieu, 1983, p. 65)

As disposições duráveis e transponíveis desvelam o caráter estruturado e estruturante do habitus, de modo que seja mais fácil a compreensão do que se entende por estrutura estruturada e estrutura estruturante: aquilo que controla a ação (condição) e aquilo que resulta da ação (estilo) na sociabilidade. As experiências passadas, constitutivas da ação, aponta para uma outra dimensão do habitus: as memórias e as lembranças de cada indivíduo e compartilhadas coletivamente. Aliado à essa perspectiva relacional no modo de compreender a vida social, de maneira a superar as antinomias estabelecidas a partir do individualismo metodológico e a subjetividade em suas antípodas, Elias (1994) aponta que não há indivíduo sem sociedade e sociedade sem indivíduo. Destaca o autor:

Decerto nos apercebemos, ao mesmo tempo, de que na realidade não existe abismo entre indivíduo e sociedade. Ninguém duvida de que os indivíduos formam a sociedade ou de que toda sociedade é uma sociedade de indivíduos. Mas, quando tentamos reconstruir no pensamento aquilo que vivenciamos cotidianamente na realidade, verificamos, como naquele quebra-cabeças cujas peças não compõem uma imagem íntegra, que há lacunas e falhas em constante formação em nosso fluxo de pensamento. (Elias, 1994, p.16).

Compreender os modos de vida, as condições e os estilos, pressupõe uma totalidade do social explicada a partir da formação social. Nesse contexto, determinadas configurações sociais são compreendidas com base na noção de interdependência e no processo histórico. Ou seja: as ações e práticas que constituem o estilo de vida, em relação às condições de reprodução, são produtos da história que compartilhamos, dos valores, das ideias que baseiam os modos de vida. Sobre isso, Elias (1969) coloca que:

Por configuração entendemos o padrão mutável criado pelo conjunto dos jogadores – não só pelos seus intelectos, mas pelo que eles são no seu todo, a totalidade das suas ações as relações que sustentam uns com os outros. Podemos ver que esta configuração forma um entrançado flexível de tensões. A interdependência dos jogadores, que é uma condição prévia para que formem uma configuração, pode ser uma interdependência de aliados ou de adversários. (ELIAS, 1969, p.142).

Um dos meios para se alcançar o que é significativo dos modos de vida (o lazer, por exemplo), assim como o que é significativo de determinada dimensão para se analisar o social (a sua ressignificação) encontra-se no fazer etnográfico. Entende-se que a etnografia não é um método propriamente dito, uma vez que ela é condição para a sua própria evolução e aprimoramento enquanto ciência, assim como de enorme contribuição para as novas reflexões para outras áreas da ciência, como a geografia e a sociologia, por exemplo. E etnografia, entendida a partir de seus diferentes arranjos teóricos e metodológicos, vem a apresentar uma variedade de instrumentos e reflexões para se pensar os significados e o que é significativo dos modos de vida no espaço e no tempo. A etnografia é considerada um relato do espaço e pressupõe uma noção de totalidade na compreensão dos arranjos socioespaciais com base nos modos de vida. O olhar de perto e de dentro (Magnani, 2002), que segundo o autor:

Para identificar essas práticas e seus agentes, foi proposta uma estratégia que recebeu a denominação de um olhar de perto e de dentro, em contraste com visões que foram classificadas como de fora e de longe. Ao partir dos próprios arranjos desenvolvidos pelos atores sociais em seus múltiplos contextos de atuação e uso do espaço e das estruturas urbanas, este olhar vai além da fragmentação que, à primeira vista, parece caracterizar a dinâmica das grandes cidades e procura identificar as regularidades, os padrões que presidem o comportamento dos atores sociais. Supõe recortes bem delimitados que possibilitam o costumeiro exercício da cuidadosa descrição etnográfica. (Magnani, 2002, p.25).

O lazer é parte integrante da vida das pessoas, repleto de significados e significante dos modos de vida, dada a sua relação entre as condições e os estilos de vida. (Magnani, 2003). Como uma dimensão do social em um contexto de interdependência e conformador de figurações específicas dos modos de vida, o lazer é entendido como um dos mecanismos da dinâmica socioespacial a partir das ações e estratégias individuais e coletivas na reprodução das desigualdades e da segregação. Sobre o lazer, pode-se dizer que é considerado:

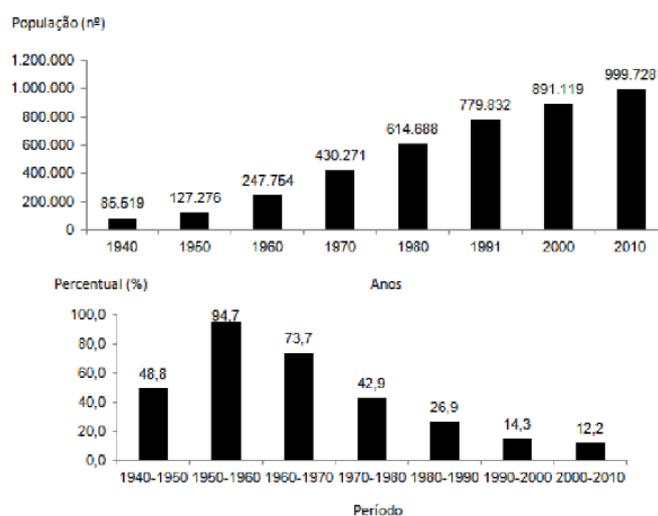
[...] um aspecto concreto – as formas de entretenimento com que a população preenche o tempo de lazer, nos bairros da periferia tem sido deixada de lado pela maioria dos estudos e análises. Esse aspecto, entretanto, é parte integrante do cotidiano dessa população: por que, então, não partir daí para tentar enriquecer a compreensão de seus valores, seus modos de pensar e de agir. (Magnani, 2003, p.20).

Com base no exposto, buscar-se-á a compreensão da ressignificação do lazer enquanto significado e significante dos modos de vida, a partir das condições e dos estilos de vida no espaço intra-urbano de São Gonçalo, a partir de uma área específica.

## As condições de vida, a segregação e o lazer: as áreas de estudo no contexto do espaço intra-urbano de São Gonçalo.

O município de São Gonçalo encontra-se localizado na Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ). Consideram-se fatores relevantes para a compreensão dos modos de vida no espaço intra-urbano do município em questão o seu peso demográfico e as transformações socioespaciais a partir do fenômeno da segregação no espaço intra-urbano local. No que tange à área de estudo, trata-se de uma importante centralidade no espaço urbano da região.

A relevância demográfica do município de São Gonçalo deve ser compreendida sob o prisma histórico de crescimento populacional do espaço intra-urbano. De acordo com estimativas recentes estabelecidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município apresenta o segundo maior contingente populacional da RMRJ em números absolutos, com 1.084.839 habitantes (IBGE, 2019). De acordo com o último Censo Demográfico, São Gonçalo já figurava como segundo município mais populoso da região, com 999.728 habitantes.



**Imagem 1.1:** População e percentual de crescimento populacional do município de São Gonçalo para o período definido entre os anos de 1940 e 2010. Fonte: Gonçalves, 2012.

A partir das análises realizadas com base nos censos para o período compreendido entre os anos de 1991 e 2000 - 2001 e 2010, o crescimento populacional das áreas informais do espaço intra-urbano de São Gonçalo é considerado relevante face às áreas formais, constituindo um indicador para se pensar as desigualdades socioespaciais. Esse indicador foi estabelecido a partir das informações contidas no próprio censo, assim como do levantamento dos assentamentos precários no município.

	Percentual de crescimento populacional da área formal no período (%)	Percentual de crescimento populacional da área informal no período (%)
1991 - 2000	23,75	76,25
2001 - 2010	30,5	69,5

**Imagem 1.2:** Percentual de crescimento populacional nas áreas formais e informais do espaço intra-urbano de São Gonçalo com base nas informações do Censo Demográfico (IBGE, 1991, 2000, 2010) e do Levantamento de Assentamentos Precários (ONU-HABITAT, 2010). Fonte: Gonçalves, 2012.

Ainda que haja um queda relativa ao crescimento populacional nas áreas informais para os dois períodos, ele ainda é superior ao crescimento populacional das áreas formais. Ressalta-se que o crescimento populacional das áreas informais, com destaque para os assentamentos precários, ocorre principalmente em consonância com a expansão física dessas áreas nas franjas intra-urbanas do município (Gonçalves, 2012). Os resultados apontam para a condição histórica de reprodução da pobreza no espaço urbano periférico à luz do que se entende sobre as características incompletas da urbanização brasileira (Costa, 2006), conferindo o peso das principais questões sociais na escala da metrópole à periferia.

Não obstante, o quadro das desigualdades socioespaciais tem se acirrado no espaço intra-urbano do município de São Gonçalo, dadas as deficiências permanentes quanto ao acesso aos meios de consumo coletivos (saneamento básico, educação, saúde, entre outros fatores) vis-à-vis o crescimento dos espaços comerciais e residenciais fechados. A relação entre ambas as situações é simbiótica, de modo que a produção do espaço urbano se efetive a cargo de agentes específicos como promotores imobiliários e os proprietários fundiários, os quais encontram na incipiente atuação do Estado, ou seja, o poder público, o terreno para a livre atuação e reprodução das desigualdades e diferenças socioespaciais e consequente evolução do processo de segregação.



**Imagem 1.3:** Vista parcial de um assentamento precário (à esquerda), trecho do bairro jardim Catarina e de um condomínio fechado (à direita), o Parque das Águas. Fisicamente próximos, socialmente distantes. Fonte: Gonçalves, 2019.

Uma das áreas do município onde as desigualdades e as diferenças socioespaciais estão se dinamizando com base na relação proximidade espacial x distância social é o bairro do Alcântara. Conforme aponta Araújo (2019), trata-se, para além de um bairro, de uma centralidade historicamente constituída e consolidada no espaço intra-urbano do município, respectivamente, em uma linha cronológica: como entreposto comercial através dos principais rios e seus afluentes até meados do século XVIII; como conexão entre a freguesia e o interior a partir da abertura da Estrada Real até o final do século XIX; como importante ramal de bondes até meados do século XX. A vocação comercial atual, estabelecida historicamente ao longo do tempo, permitiu o desenvolvimento da região e, conseqüentemente, o crescimento residencial dos bairros adjacentes – dentre eles, os bairros do Mutondo e Jardim Catarina. Esses bairros contém as áreas de estudo.



**Imagem 1.4:** As áreas de estudo a partir do bairro do Alcântara (indicado com uma seta), no município de São Gonçalo: em amarelo, o bairro do Mutondo e em lilás o bairro do Jardim Catarina. Fonte: Gonçalves, 2019.

Para cada uma das áreas, foram aplicados 700 questionários domiciliares com o objetivo de traçar um panorama das condições socioeconômicas dos moradores, do tempo de residência e das práticas de lazer de cada morador em cada local, respectivamente: 180 questionários no loteamento, Bairro Jardim Catarina; 270 questionários no condomínio popular antigo (Condomínio Parque Residencial Solar do Alcântara) e 230 questionários no condomínio fechado novo (Parque das Águas). As análises dos dados apontam um fato: a existência da desigualdade social entre o loteamento e os condomínios próximos (conteúdo), assim como de diferenças sociais entre os condomínios próximos (forma).

	Indicadores socioeconômicos: renda familiar e ocupação do chefe de família – ano 2019		
	Renda familiar entre 3 e 5 s.m.	Renda familiar acima de 5 s.m.	Ocupação do chefe de família - Grupo 1 e 2*
<b>Loteamento</b>	<b>3,70%</b>	<b>0,70%</b>	<b>1,30%</b>
<b>Condomínio popular</b>	<b>33,40%</b>	<b>18,50%</b>	<b>23,60%</b>
<b>Condomínio fechado</b>	<b>37,20%</b>	<b>22,70%</b>	<b>27,40%</b>

**Imagem 1.5:** Indicadores de renda e ocupação do chefe de família com base no estabelecido pelo Censo Demográfico do IBGE e pela Classificação Brasileira de Ocupações Domiciliar (CBO Domiciliar). Fonte: Gonçalves, 2019.

\*O Grupo 1 e 2, com base no CBO Domiciliar, corresponde respectivamente, aos membros superiores do poder público, dirigentes de organizações de interesse público e de empresas, gerentes; e profissionais das ciências e das artes.

O exercício do fazer etnográfico por meio da observação participante, tanto em cada uma das áreas de pesquisa quanto na área definida a partir da centralidade de um bairro, apontam que não somente as desigualdades sociais são componentes do processo de segregação na escala local, mas a história que os moradores têm com o lugar também é considerado um componente fundamental dos mecanismos de exclusão e integração com efeitos no espaço. No caso dos condomínios em questão, onde as desigualdades não são tão evidentes, a história do morador com o lugar se destaca nesse processo e que é nas diferenças socioespaciais (forma), assim como nos sentimentos de superioridade e recalque que a segregação se reproduz, em contraposição ao sentimento de inferioridade por parte dos moradores do assentamento.

	Tempo de moradia dos residentes nas áreas de pesquisa (%)			
	Sempre morou	Morador há 3 anos	Morador há 6 anos	Morador há 9 anos ou mais
<b>Condomínio popular</b>	<b>58,60%</b>	<b>2,70%</b>	<b>8,60%</b>	<b>30,10%</b>
<b>Condomínio fechado</b>	<b>2%</b>	<b>10,20%</b>	<b>34,20%</b>	<b>54,60%</b>
<b>Loteamento</b>	<b>79,40%</b>	<b>2,50%</b>	<b>4,80%</b>	<b>13,30%</b>

	Origem dos residentes nas áreas de pesquisa nos últimos 9 anos (%)		
	Condomínio popular	Condomínio fechado	Loteamento
<b>Condomínio popular</b>		<b>0,00%</b>	<b>12,60%</b>
<b>Condomínio fechado</b>	<b>23,40%</b>		<b>0,00%</b>
<b>Loteamento</b>	<b>0,00%</b>	<b>0,00%</b>	

**Imagem 1.6:** Indicadores de tempo de moradia e origem dos moradores de cada área pesquisada. Fonte: Gonçalves, 2019.

A dimensão do lazer como uma questão significativa de cada área de estudo no contexto intra-urbano do município aparece em 100% das pesquisas realizadas na amostra. Entretanto, para cada área de estudo, há uma relação diferente com outras dimensões explicativas das desigualdades e diferenças socioespaciais.

	A dimensão do lazer como uma questão (%)		
	Relacionada à criminalidade violenta no município	Relacionada à falta de opções para a prática no município	Relacionada à falta de tempo, restrições financeiras ou desinteresse
Condomínio popular	62,40%	19,70%	17,90%
Condomínio fechado	74,00%	20,00%	6,00%
Loteamento	10,40%	32,70%	56,09%

**Imagem 1.7:** Indicadores referentes à dimensão do lazer para cada área pesquisada. Fonte: Gonçalves, 2019.

A experiência etnográfica em cada uma das áreas de pesquisa, a partir da percepção geral das diferenças e desigualdades socioespaciais, assim como dos mecanismos societários de pertencimento e integração, a relação entre o lazer e a segregação, conforme visto a seguir.

### **Os estilos de vida, a segregação e o lazer: de perto e de dentro das áreas de estudo no contexto do espaço intra-urbano de São Gonçalo.**

A compreensão dos estilos de vida a partir da observação participante permitiu não somente traçar a percepção do lazer como uma dimensão significativa e significativa das desigualdades e diferenças socioespaciais. Logo, para cada uma das áreas pesquisadas, pode-se atribuir um perfil das práticas de lazer, definidas e definidoras do processo de segregação a partir de mecanismos societários no contexto intra-urbano do município.

Razão entre as áreas de estudo a partir da dimensão do lazer como mecanismo societário			
	Condomínio fechado	Condomínio popular	Loteamento
Condomínio fechado		Lazer como exclusividade	Lazer como exclusividade
Condomínio popular	Lazer como recalque		Lazer como oportunidade
Loteamento	Lazer como quimera	Lazer como possibilidade	

**Imagem 1.8:** Os diferentes perfis de lazer a partir dos mecanismos societários entre as três áreas de estudo. Fonte: Gonçalves, 2019

Observação participante no condomínio fechado:

“Você pode ver [...] aqui há um diferencial. Aqui tem área verde, tem piscina [...] quem passa aí fora (do condomínio) percebe que aqui há um diferencial. Onde você encontrará lazer nesse bairro? Falo muito para os meus filhos não saírem daqui de dentro...aqui tem tudo...quadra, piscina, sala de jogos, videogame...até cinema! Quando saímos, vamos para longe. Bom, todos aqui têm esse privilégio...estamos juntos.”

“Para aproveitar isso, tem que ser convidado. Tem que ser conhecido da gente. Aqui não é bagunça, não tem tiroteio, não tem enchente...vê lá no Catarina, onde a moça que cuida da minha casa mora. Aqui temos segurança, controle. E há esse controle justamente para não acontecer o que acontece aí fora (do condomínio). Aqui, todo mundo se conhece. Todo mundo é daqui (da região).”

“Minha família é de lá. Gosto quando eles vêm pra cá. Eu sempre convido eles, mas eles sabem que aqui há um conjunto de regras que não são as mesmas de lá. Por exemplo, lá eu entro e saio quando eu quero (do condomínio residencial Solar do Alcântara), já me conhecem. Aqui é diferente.”

Observação participante no condomínio popular:

“Lá tem tudo que aqui não tem, não é mesmo? É isso que eu ouço por aí. Mas olha só: pergunte pra quem você quiser. Muita da gente dali (condomínio fechado) veio daqui. E muita gente do Catarina (loteamento) veio pra cá. Todos são bem vindos aqui. Será que aqui é ruim?”

“Não muda nada pra mim. Só muda pra eles, que moram lá (no condomínio fechado) e quando acham que podem entrar aqui quando quiser. Deveríamos fazer a mesma coisa. E estamos fazendo. Já estamos aumentando a segurança aqui, pintando os prédios, jardinando o condomínio. Aqui tem tudo pra ser melhor em termos de lazer.”

“Minha filha e dois filhos de uma amiga minha daqui moram lá (no condomínio fechado). Eles gostam de vir aqui passear, trazer os netos porque eles cresceram aqui. Mas entrar lá, só com autorização. Aqui carece dessa segurança, não sei porque não funciona”.

Observação participante no loteamento:

“Meu filho, eu só saio de casa pra ir à igreja aqui pertinho. A nossa gente já está tão acostumada com o descaso desses políticos. Quando vêm, vêm pedir voto. Nem isso acontece mais. Mas a gente é muito unido. A gente se ajuda muito.”

“O bom daqui é sentar e tomar uma cerveja no bar (apontando) despreocupado. Aqui tem de tudo que é ruim, mas a gente não sai daqui. Falta muita coisa, mas vamos fazendo a força. Nos unimos muito, conversamos muito por aí pela rua...essa criançada brincando de futebol na rua.”

“Rapaz, eu olho daqui para aqueles espigões (condomínio popular). Já fui lá, tem piscina, tem gente que veio daqui e continua vindo aqui, mas muito pouco. Tem churrasco, tem quadra acimentada. Aqui, é na areia. E quando não, na lama. (risos)”.

Conforme observado nas falas dos moradores acima, dentre outras falas durante a pesquisa etnográfica, é possível estabelecer perfis das práticas de lazer com base na relação que os moradores de cada área têm com as outras áreas de estudo. Aliás, a correlação entre as áreas, independente da dimensão do lazer, aparece nas falas dos moradores com base nos mecanismos societários, sejam eles de integração ou exclusão, baseados nas diferenças e nas desigualdades socioespaciais.

O lazer como exclusividade, típico dos moradores do condomínio fechado, está relacionado ao novo estilo de vida que é determinado principalmente pelas diferenças socioespaciais (condomínio fechado versus condomínio popular), assim como pelas relações de sociabilidade pautadas na história dos moradores com o lugar (muitos oriundos do condomínio popular). Quanto ao condomínio popular, o lazer como recalque e como oportunidade, respectivamente, com relação ao condomínio fechado e ao loteamento, é considerado o fio condutor das práticas de lazer dos moradores do lugar, de modo que tenta-se esconder o desejo de um estilo de vida semelhante ao dos moradores do condomínio fechado, ao passo que serve de exemplo para um estilo de vida dos moradores recém chegados do loteamento. Já o lazer como quimera e como possibilidade se respalda na anomia e no desejo mais próximo à realidade do condomínio popular, dada a oportunidade oferecida pelos respectivos moradores.

## **Considerações finais**

A análise da ressignificação do lazer a partir de uma pesquisa local no espaço intra-urbano de São Gonçalo vai ao encontro da percepção de que o espaço urbano periférico não é mais o mesmo, visto a dinâmica espacial a partir da crescente desigualdade e diferenciação espacial. As condições e os estilos de vida, significantes e significadores do processo de segregação, encontra no lazer uma das suas dimensões mais explicativas.

Ainda, a pesquisa qualitativa e quantitativa que enseja o desenvolvimento dessa pesquisa também permite uma reflexão sobre a mobilidade social no espaço intra-urbano de São Gonçalo, assim como de outras dimensões que fundamentam as relações de sociabilidade, como a criminalidade violenta. Tais dimensões, entretanto, não esgotam de pensar o lazer como uma dimensão fundamental nas políticas públicas na periferia atual.

## **Referências bibliográficas**

ARAÚJO, Jefferson Thomaz. A centralidade de Alcântara e a história urbana de São Gonçalo-RJ: A atuação dos agentes sociais na consolidação de um núcleo urbano e na transformação de um espaço público.

BOURDIEU, Pierre. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, Pierre, SAINT-MARTIN, M. Goftts de classe et styles de vie. Paris: Actes de la Recherche en Sciences Sociales, n° 5. 1976.

CORRÊA, Roberto Lobato. Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço: um texto para discussão. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. (Org). A produção do espaço urbano. Agentes e processos, escalas e desafios. 1. Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

COSTA, Heloisa Soares de Moura Costa. (Org). Novas Periferias Metropolitanas. A expansão metropolitana em Belo Horizonte: dinâmica e especificidades no Eixo Sul. 1. Ed. Belo Horizonte. Editora C/Arte, 2006.

ELIAS, Norbert. Introdução a Sociologia. São Paulo: Edições 70, 1969.

ELIAS, Norbert. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1994.

GONÇALVES, Thiago Giliberti Bersot. Periferias segregadas, segregação nas periferias: por uma análise das desigualdades socioespaciais do município de São Gonçalo – RJ. Dissertação de Mestrado. PROURB/FAU/UFRJ, 2012.

GONÇALVES, Aguinaldo. Em busca do diálogo do controle social sobre o estilo de vida. In: VILARTA, Roberto.(Ed.). Qualidade de vida e políticas públicas: saúde, lazer e atividade física. Campinas: IPES Editorial, 2004.

GOTTDIENER, Mark. A produção social do espaço urbano. 2. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

HARVEY, David. A produção capitalista do espaço. 2. Ed. São Paulo: Editora Anablume, 2005.

LEFEBVRE, Henri. La révolution urbaine. 1.Ed. Paris: Gallimard, Collection Idées, 1970.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade. 3. Ed. São Paulo: Editora Hucitec/UNESP, 2003.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais. n.17, vol. 49. 2002.

OUTHWAITE, William. Teoria social. Um guia para entender a sociedade contemporânea. 1. Ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2017.

RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. O futuro das metrópoles: desigualdades e governabilidade. 1. Ed. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2000.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. Contribuição para o debate sobre processos e formas socioespaciais na cidade. In: CORRÊA, Roberto Lobato. (Org.). A cidade contemporânea. Segregação espacial. 1. Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

WIRTH, Louis. El urbanismo como modo de vida. Chile: Bifurcaciones: Revista de Estudios Culturales Urbanos, nº 2, 2005.